

a contextos nacionais particulares, conseguindo, assim, produzir um contributo relevante para a filosofia política contemporânea. Com efeito, o estudo de Münch alerta-nos para a necessidade de reconceptualizarmos a noção de «cidadania europeia» à luz dos fenómenos políticos, económicos e sociais que marcam o nosso tempo, a saber, o processo de integração europeia, a globalização económica e os movimentos migratórios vindos de Leste e do Norte do África.

FILIPE CARREIRA DA SILVA

António Teixeira Fernandes, Formas de Vida Religiosa nas Sociedades Contemporâneas, Oeiras, Celta Editora, 2001.

António Teixeira Fernandes — padre e sociólogo que há muito se consagrou à leccionação na Universidade do Porto, onde dirige o Instituto de Sociologia da respectiva Faculdade de Letras — foi e é um dos pioneiros da sociologia religiosa em Portugal (um campo que não pode, infelizmente, considerar-se definitivamente consolidado no nosso país); reúne agora, sob a chancela da Celta, uma editora que se tem destacado pela corajosa aposta na publicação de obras de investigação de base no

campo das ciências sociais, em *Formas de Vida Religiosa nas Sociedades Contemporâneas*, uma série de estudos da realidade religiosa no Portugal contemporâneo. Um livro a merecer atenção nem que seja pelo facto de rarear este tipo de trabalhos em Portugal e escassos serem os que logram ser publicados.

Em termos de estrutura, a obra parece-nos poder ser dividida em três partes fundamentais. Uma primeira, constituída pelos dois capítulos iniciais, intitulados «Secularização e secularismo» e «O retorno do sagrado», é essencialmente ensaística e conceptual. Ela permite situar o autor no quadro das discussões teóricas relativas ao enquadramento mais geral da questão da religião na época contemporânea. O terceiro capítulo, «Religiosidade difusa e identidade confessional», faz a transição para uma segunda parte mais empírica do livro, em que cabem também os capítulos seguintes, respeitantes à «Vivência religiosa em meio rural» e à «Mudança social e identidade do clero». Todos eles assentam num manancial de dados resultantes de um série de inquéritos sociológicos e disponibilizados mediante dezenas de figuras e mais de duas centenas de quadros. Estes surgem listados logo no início num índice muito útil que permitirá o acesso rápido aos elementos de interesse para cada investigador. Uma terceira parte permite ao autor regressar a um tema que já foi objecto de abordagem numa outra obra sua, a questão da «Sacralidade e poder político», de novo num

(curto) capítulo de natureza ensaística, que nos parece um pouco deslocado face ao resto do livro.

Nos dois primeiros capítulos o autor analisa o conceito de secularização a partir de uma matriz essencialmente weberiana, como, aliás, na contracapa do livro é deixado claro. Ou seja, como desencantamento do mundo como resultado do processo paralelo de urbanização e industrialização. Mas não sem assinalar mais recentemente, sem nunca a designar desta forma, uma dinâmica de aparente reencantamento por via do crescimento paralelo ao erodir dos sistemas de crença tradicionais de uma série de seitas (um conceito a justificar, do nosso ponto de vista, um maior desenvolvimento por parte do autor, que o usa abundantemente)¹, crenças mágicas, astrológicas, etc. Teixeira Fernandes é céptico, todavia, quanto à pertinência da ideia de regresso do religioso. Se admite a existência, por vezes, de uma tendência reactiva e tradicionalista neste campo, considera-a de durabilidade e significado duvidosos. Dir-se-ia, portanto, adepto da tese de Émile Poulat de que o cristianismo poderá ter um futuro, mas que o seu passado não tem futuro. Usa também o conceito de secularismo como uma tendência ou uma corren-

¹ Fará sentido incluir neste mesmo cabaz da seita os seguidores do padre Mário da Lixa, muitos dos quais, provavelmente, se consideram católicos, e os seguidores da IURD? Se calhar, sim, mas o autor não deixa claro o porquê.

te militante no sentido de expulsar o sagrado do campo público, reservado ao temporal.

O sociólogo português adopta os conceitos de pós-industrialização e pós-modernidade e adere aos de *pós-cristandade* e *pós-cristão* para caracterizar a realidade religiosa do Ocidente actual. Querendo significar com estes últimos termos, respectivamente, por um lado, a ruptura com um sistema social orgânico e legitimado por uma noção de ordem sacral e, por outro, a crescente indiferença em relação a qualquer sistema de crença e uma perda de relação mesmo com os valores e crenças fundamentais do cristianismo que continuavam a estar presentes naqueles que, tendo sido educados na fé cristã, a seguir a abandonaram. Conclui com a ideia de que o esforço pastoral da Igreja católica — ou seja, as suas estratégias de actuação no terreno, de relacionamento com os fiéis ou potenciais fiéis — será mais difícil neste contexto do que quando se tratava de procurar uma conversão do ateísmo à crença, ou de um sistema de crença a outro (p. 13). A grande divisão do ponto de vista das práticas sociais situar-se-ia, portanto, não entre diferentes crenças, ou mesmo entre estas e a desencrença consciente e militante, mas sim relativamente à indiferença vaga em relação a qualquer tipo de fé mobilizadora.

Por esta passagem, mas também pela postura e vocabulário de Teixeira Fernandes ao longo de toda a obra, parece-nos clara a filiação deste trabalho na tradição da sociologia

pastoral católica — um termo e uma preocupação recorrentes na obra (cf., por exemplo, pp. 144 e segs.) — com alguma tradição em Portugal, remontando pelo menos aos «sociólogos de Lovaina» dos anos 30. O que não faz da obra um exercício confessional no sentido que o autor atribui a este termo e de que explicitamente se demarca (p. 233), de ser apologética e defensiva da Igreja católica, pois veicula uma abordagem claramente crítica da realidade; o que está claramente presente é uma preocupação vincada pelo que é e poderá ser a acção da Igreja católica a partir do seu rigoroso estudo sociológico. O que não evita que o autor caia em algumas armadilhas semânticas².

De facto, são os três capítulos mais empíricos que constituem o grosso desta obra e são eles também, sem dúvida, o elemento de maior novidade num livro que tem de ser visto, pelas suas características e linguagem nem sempre simples³, como essencialmente destinado a um público académico, ou àqueles que têm responsabilidades ao nível da gestão pastoral da Igreja católica em Portugal.

Portanto, e como referimos, esta é uma obra que nos leva de uma análise conceptual e a uma escala

macro da realidade religiosa contemporânea (no Ocidente, acrescentaríamos nós, mas mesmo esta limitação não é assumida pelo autor) até aos estudos a uma escala micro da realidade religiosa em determinadas regiões bem delimitadas do Norte de Portugal, mais especificamente: do clero «com actividade pastoral» da diocese do Porto, no capítulo dedicado a «Mudança social e identidade do clero»; dos paroquianos do concelho de Felgueiras, no capítulo «Religiosidade difusa e identidade confessional»; dos paroquianos do concelho de Arouca, no caso do capítulo «Vivência religiosa em meio rural», ambos parte também da referida diocese.

Os capítulos dedicados a Felgueiras e Arouca resultam da aplicação de um mesmo inquérito a concelhos caracterizados, respectivamente, como urbano e rural e permitem, portanto, uma comparação final dos dados recolhidos em função dessa dicotomia. Os resultados são, sem dúvida, interessantes ao nível dos múltiplos detalhes abordados pelo inquérito. Por exemplo, quem imaginaria que num concelho rural do Norte de Portugal, como Arouca, 30% dos que se identificam como católicos não acreditam na ressurreição tal como a define o dogma católico? Vale, portanto, a pena percorrê-los com atenção às múltiplas questões neles incluídos. Todavia, do ponto de vista do significado mais geral dos resultados, a comparação final dos dados pelo autor resume o fundamental que deles se pode extrair

² Será muito rigoroso sociologicamente falar de indivíduos «caídos no ateísmo prático» (p. 15)?

³ Que por vezes beneficiaria de uma revisão mais cuidada do texto, por exemplo, p. 237, o que é uma «localidade local», ou fará muito sentido falar de uma «severidade da doutrina da Igreja» que é «mais suave» em Arouca (p. 235) do que em Felgueiras?

(pp. 229 e segs.) Arouca surge como «menos aberta» do ponto de vista religioso. Ou seja, no sentido que o autor dá ao termo, «existe uma menor presença de seitas do que em Felgueiras», e admite também (porquê?) que sejam «menos radicais» (termo cujo sentido não explicita) ou que haja uma orientação diferente do clero local a respeito da questão, pois os paroquianos de Arouca mostram-se mais abertos relativamente à questão da diversidade religiosa. Em ambos os casos Teixeira Fernandes destaca a importância dos desvios em relação à ortodoxia católica, que considera que nem sempre serão conscientes. Todavia, é evidente nos seus dados que os dogmas da Igreja não são vistos por muitos paroquianos católicos em ambos os casos como a única referência válida para os seus comportamentos e que nem todas as suas prescrições, mesmo quando conhecidas, são aceites. A própria noção de comunhão com o papa e bispos é relativizada, curiosamente, pelo menos para quem parta dos preconceitos tradicionais relativamente ao catolicismo num contexto rural, mais no caso de Arouca do que de Felgueiras. Na verdade, a maior diversidade religiosa de Felgueiras e o maior clima de concorrência no campo religioso que aí parece existir, aparentemente, reforçam o sentimento de alinhamento e identidade confessional dos católicos. Sem dúvida, um elemento interessante e a explorar em futuros estudos, dado o inevitável peso futuro desta tendência para a diversificação do campo religioso em Portugal. Talvez ele também ajude a

explicar o menor número de crentes em Arouca relativamente a Felgueiras (mais uma vez contrariando os preconceitos habituais relativamente a zonas rurais e urbanas). O autor termina chamando a atenção para outro elemento importante em que concorre com outra literatura sobre estes temas: «com a secularização e sobretudo com a relativa perda da identidade confessional torna-se bastante problemática a análise da correlação [...] entre religião» e outras variáveis sociais (p. 239).

Quanto ao clero católico da diocese do Porto, fica claro o grau crescente de integração do mesmo em actividades não pastorais, a par da deseabilidade assumida pelos próprios de que houvesse uma dedicação exclusiva às actividades pastorais (o que parece ser impossível por razões materiais, dada a ausência de uma remuneração suficiente garantida pela própria Igreja católica). Ilustrando a curiosa situação do clero em Portugal, que doutrinariamente continua a ser defendido em nome da sua total disponibilidade para servir a comunidade, mas na prática parece cada vez mais disperso por outras actividades. O que, diga-se, poderia ser visto como algo de positivo numa lógica de presença da Igreja católica na sociedade, mas tal não parece ser o caso, seja pela maioria dos sacerdotes, seja pelo autor. Não menos de assinalar é o facto de o papel do laicado ser claramente valorizado e mesmo considerado indispensável pelo clero portuense, mas numa dimensão de cooperação e auxílio. Finalmente, a grande questão, pelo menos em ter-

mos de percepção pública da situação do clero católico, do celibato é vista como claramente secundária por uma grande maioria do clero da diocese, pelo menos no sentido de lhe negar valor doutrinário fundamental, sendo considerada possível a eliminação da sua obrigatoriedade (cf. p. 313). O inquérito de Teixeira Fernandes não permite saber se a consideram também desejável ou não. Em suma, a secularização claramente chegou ao próprio núcleo sacerdotal da Igreja católica (p. 243).

Há ainda três pontos, que nos parecem de realçar, com que iremos terminar a análise deste estudo⁴. Apesar de se tratar de uma obra que se situa claramente no campo católico, o seu autor não ignora, quer ao nível da discussão conceptual, quer depois no quadro dos inquéritos que realizou, a importância crescente da diversidade religiosa em Portugal, incluindo por isso algumas questões relativamente à presença de seitas. Por outro lado, ainda que o autor tenha introduzido elementos de diversidade no interior da área analisada (zona mais urbana, zona mais rural), a representatividade dos estudos realizados não é clara. Quanto à noção de recristianização que Teixeira Fernandes utiliza frequentemente, apesar do seu cepticismo relativamente à noção do retorno do sagrado, levanta-nos dúvidas. A ideia do

catolicismo em Portugal (e, de um modo geral, no Ocidente) antes do século XIX como ortodoxo e profundo é algo cada vez mais posto em causa, seja pela importância cada vez mais evidente das variações regionais, seja pela valorização do estudo da questão da religiosidade popular na sua lógica própria, e não como mera superstição, assim como a noção da frequente tensão com as autoridades eclesásticas representada pelos esforços repetidos da parte destas últimas, desde a alta Idade Média, no sentido de «recuperarem» os campos e o povo.

Porém, em conclusão, e apesar de nos parecer claro que o autor poderia ter deixado mais claros os limites da sua obra, nomeadamente ao nível do próprio título, é sobretudo de valorizar o interesse e o volume do trabalho que produziu estas *Formas de Vida Religiosa nas Sociedades Contemporâneas*, nomeadamente ao nível de inquéritos, de uma profundidade provavelmente incompatível com uma maior diversidade regional e confessional sem um significativo acréscimo de meios materiais e humanos para a sua execução. Sem dúvida que seria importante dispor de muitos mais estudos sociológicos do fenómeno religioso noutras regiões do país e para outras correntes religiosas, que não apenas o catolicismo, mas essa não é culpa do autor do presente livro, nem razão para pôr de lado esta obra, que deve ser vista como um desafio para que outros façam mais e melhor, ou pelo menos outro tanto.

⁴ Um ponto interessante, ainda que secundário, seria saber se estes estudos, com as referidas preocupações pastorais, correspondem simplesmente à iniciativa do autor ou resultaram de qualquer encomenda da diocese do Porto.